

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)  
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

## PRIMEIRA VERSÃO

Ano IX, N° 261 - Volume XXVIII - Porto Velho - Julho/2010.

ISSN 1517-5421

EDITOR

**NILSON SANTOS E  
ESTEVIÃO RAFAEL FERNANDES**

CONSELHO EDITORIAL

**ALBERTO LINS CALDAS** - História  
**ARNEIDE CEMIN** - Antropologia  
**FABÍOLA HOLANDA** - História  
**JOSÉ JANUÁRIO DO AMARAL** - Geografia  
**MIGUEL NENEVÉ** - Letras  
**VALDEMIR MIOTELLO** - Filosofia

Os textos no mínimo 3 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows" deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775  
CEP: 78.900-970  
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 150 EXEMPLARES

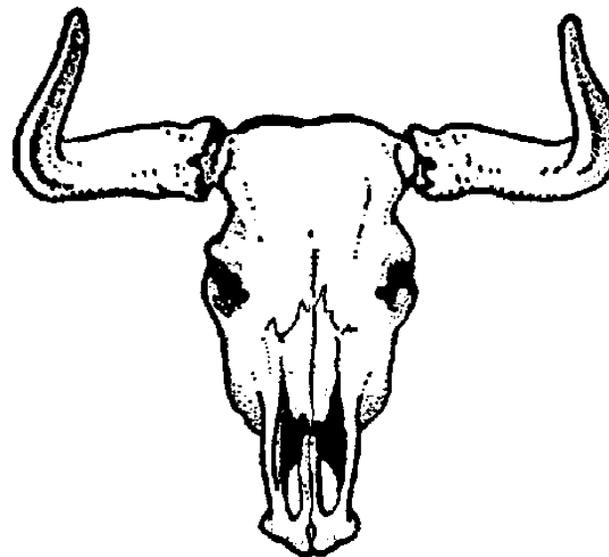
**EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA**

# PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

*lathé biosa*

**261**



**Euclides da Cunha, político**

**MAURO ROSSO**

MAURO ROSSO

[rosso.mauro@gmail.com](mailto:rosso.mauro@gmail.com)

**Resumo:** O centenário de morte, a determinar este 2009 como o 'ano Euclides da Cunha', constitui *per se* a grande oportunidade de justa reverência a um dos maiores intelectuais do País, um excepcional pensador a merecer olhar, estudo e difusão mais acurados e mais abrangentes, porquanto poucos como ele, em seu tempo, dedicaram-se tanto à reflexão e interpretação do Brasil, inclusive sob diversas lentes – da literária à política, da artística à sociológica – em algumas delas manifestando-se um verdadeiro pioneiro, anunciador, prenunciador e antecipador de muitas questões hoje existentes e debatidas nas searas da política, da história, e – para quem não sabe, até mesmo da ecológica, da etnopolítica, da geopolítica.

**Palavras chave:** História – República – liberalismo social – socialismo – sertão – Amazônia

Euclides da Cunha - não um, mas muitos e múltiplos Euclides da Cunha: matemático, politécnico, engenheiro, geólogo e geógrafo autodidata e prático; positivista, cientificista, evolucionista – socialista, jornalista, articulista, ensaísta, escritor, poeta – sobretudo pensador e intelectual; na obra, a literatura, a ciência, a história, a filosofia, e ainda a geografia, a geologia, a botânica, a engenharia, a técnica; propugnador do primado da ciência e das "elites dotadas"- mas empenhado nas questões sociais; ardoroso republicano, desapontado, desiludido, cáustico crítico depois; Euclides dos primeiros tempos, Euclides de Canudos, Euclides de São José do Rio Pardo\Vale do Paraíba, Euclides da Amazônia; Euclides político, Euclides ecológico, Euclides etnopolítico, Euclides geopolítico'. Acima de tudo, um brasileiro de primeiríssima linha na história cultural – também política, social – do País.

### ***uma obra eclética - e brasileira***

Construiu uma obra eclética em conteúdo, temática e variedade genética, e brilhante em forma, escrita e linguagem. Obra, em todas suas partes e no conjunto não só adiantada para seu tempo como dotada de impressionante atualidade. Aliava a riqueza e excelência de suas linguagem e escrita, seu vocabulário apurado, sua sintaxe precisa, à 'riqueza' da observação, compreensão e perfeita interpretação dos elementos sociais e da condição humana do brasileiro, seus dramas e vicissitudes, aspirações e necessidades. A par das questões políticas, a questão social inscreve-se no pensamento euclidiano como um dos componentes, ou ingredientes, ou constituintes mais intensos e atuantes.

Até porque confesso admirador do teatro e da literatura grega, o trágico se faz presente na obra euclidiana: notoriamente em *Os sertões*, aparece na percepção de que a epopéia apologética da República assumia caráter de tragédia na violenta ação militar, na chacina, no verdadeiro genocídio praticados em Canudos, por ele testemunhados; da mesma forma, na condição social do sertanejo, do garimpeiro, do seringueiro, também na seca, na agricultura predadora, na destruição das matas e florestas, nos fazedores de desertos – tópicos descritos, comentados e denunciados por ele nos escritos referentes a ecopolítica e etnopolítica. Como duas linhas paralelas, a literatura euclidiana é permeada e movida, a par do racionalismo derivado do determinismo, pela imagem do homem e da humanidade submetidos ao elemento maior do universo mítico, o destino.

Sua obra – a estimular o desenvolvimento de uma literatura firmada na observação, na análise e estudo dos elementos caracteristicamente nacionais – constitui uma das mais completas sínteses entre ciência e literatura, nela confrontando-se duas formas básicas de conhecimento: de um lado, a dedução e a indução, a utilização de métodos e conceitos em voga nas Ciências Sociais, com o objetivo de analisar e propor alternativas viáveis para os problemas sociais, econômicos e políticos do país; de outro, a observação mais direta da realidade, a qual por sua vez, não se explicava pelas significações convencionais. Seus textos expressam sempre a realidade social, política e mesmo filosófica de seu tempo, uma espécie de realismo impregnado de historicidade que o distingue claramente de seus contemporâneos, mesmo daqueles de formação positivista. A Euclides da Cunha coube a tarefa de valorização e de compreensão do povo brasileiro nos moldes do cientificismo do século XIX, presente por exemplo na interpretação euclidiana a Canudos, ainda que muito discutido nos meios literários e históricos o teor excessivamente cientificista de seus argumentos – o que não impede que *Os sertões* seja consensualmente classificado como um dos primeiros tratados de sociologia no Brasil.

Os escritos euclidianos têm como pano de fundo os acontecimentos políticos, institucionais e sociais que se deram como um processo evolutivo: acreditava e sustentava ter sido a República um processo, uma revolução ocorrida no decorrer do século XIX, não como um fato pontual ligado à Abolição ou a imediata queda do Império. Seus textos abrangem observações, reflexões, indagações, questionamentos, confrontações não apenas sobre esse processo evolutivo propriamente dito mas também sobre as injunções étnicas, formação e características da mestiçagem, diferenças entre o homem do sertão e do litoral e sobre a natureza e o meio ambiente e suas correlações com a política.

Equilibrada síntese entre literatura, filosofia, história e ciência – qual um trapézio, imagem que de resto representa significativos 'elementos geométricos euclidianos', como adiante se explana – também cruzamento não só de gêneros, entrosando e integrando também a geografia, a geologia, a ecologia, a etnografia, a botânica, a engenharia, mas de dicotomias, contrastes e confrontos, sínteses e antíteses, tudo porém em absoluta coesão, a obra refletindo à perfeição sua estrutura intelectual, seu pensamento, consciência e ideologia. Na sólida coesão convive, no entanto, um intelecto dividido – talvez nisso o vetor pujante da efervescência e ebulição criativas – entre sua formação num século XIX idealista, literário, e a vivência ativa (ainda que por pouquíssimo tempo) num século XX materialista, racional, cientificista.

Uma 'existência múltipla', digamos assim, que tem política e filosoficamente sua origem e base no binômio positivismo (então ideologia prevalente sobretudo nas camadas sociais mais elevadas e entre a intelectualidade)<sup>1</sup> - cientificismo (emprestado do 'darwinismo social', buscando encontrar leis de organização da sociedade brasileira) – cultuado a partir da Escola Militar e praticado na sua crença devota na República – e detém seus corolário e conclusão no socialismo – sob um processo de geração de outros níveis de consciência – ecopolítica e etnopolítica – a partir de Canudos e em seguida de São José do Rio Pardo\ Vale do Paraíba e da Amazônia, três basilares vetores, ou vivências, de inflexão em sua vida intelectual e profissional. Na trajetória, um primeiro Euclides ardoroso, doutrinário, propagandista, devotado à República e crente no futuro; depois, desiludido, desalentado, cético com o regime e os políticos; em seguida, estarecido com o que testemunhara em Canudos e profundamente reflexivo e revisionista; por fim, ao mesmo tempo extasiado e preocupado com a Amazônia, “um paraíso perdido”, “deslumbrante palco onde mais cedo ou mais tarde se há de concentrar a civilização do globo”. Em todos eles um Euclides lúcido, consciente, empenhado em formular rumos e destinos para o País, um Euclides pioneiro e precursor no trato de questões absolutamente atuais.

### ***a política em Euclides***

A política desde cedo exerceu irresistível atração em Euclides, sua biografia e sua bibliografia se confundem com a própria história social e política brasileira do final do século XIX e início do século XX. Como ser político, preocupava-se e envolvia-se com tudo – não apenas a ordem institucional, o regime político, mas com o homem brasileiro, o habitante do litoral, do interior, do sertão e da Amazônia, com o povo, com a história e geografia brasileiras e sul-americanas, com o Brasil como nação, com a nacionalidade (cuja definição exata constituía a seu ver “nossa missão”).

Euclides tratou de política sob as mais variadas formas – até mesmo na cogitação para candidatura a deputado constituinte de São Paulo, formulada por Julio Mesquita em 1890, e deputado federal por Minas Gerais, sugerida por Francisco Escobar em 1908 – e expressões, entre artigos publicados originalmente em jornais (como *A Província de São Paulo* – origem de *O Estado de S. Paulo*, onde publicou a maioria de seus artigos – *Democracia*, *O Paiz*, *Jornal do Commercio*, *Revista Brasileira*, *O Rio Pardo*, *Kosmos*, *Revista Americana*), textos e ensaios integrados às coletâneas *Contrastes e confrontos* (1907), *À margem da história* (1909), *Peru vs. Bolívia* (1907) – esta, repleta de novos dados para a história e geografia sul-americanas - inseridos na *Obra completa* (1966) – em “Outros contrastes e confrontos”, “Fragmentos e relíquias” – na poesia – haja vista os poemas dedicados a Danton, Marat, Robespierre e Sain-Just, líderes jacobinos da Revolução Francesa – bem como em conferências, como “Castro Alves e seu tempo” (1907), e discursos, em sua posse na Academia Brasileira de Letras (1906) e no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1903), em cartas a amigos e correligionários, ao Barão de Rio Branco, nas marcantes correspondências com o sogro Sólton Ribeiro, nas duas cartas de

---

<sup>1</sup> Em artigo a 29 março 1892, que inaugura a série “Dia a dia”, em *O Estado de S. Paulo*, chega a comparar o Positivismo, como “religião do futuro”, “consórcio da religião e da ciência”, ao Cristianismo.

protesto endereçadas à *Gazeta de Notícias* em 1894, e especificamente quando de sua vivência (1898-1901) em São José do Rio Pardo, no programa do jornal *O Proletário* (1899) e o manifesto de 1º de maio de 1899 .

Dedicava-se tanto à política brasileira quanto à política internacional, rigorosamente 'atenado' e em conexão com as transformações que se verificavam no mundo, desde a seara sul-americana – como nos artigos "Conflito inevitável", "Contra os caucheiros", "Conjecturas", "Contrastes e confrontos", "Solidariedade sul-americana", "Temores vãos", "Peru vs. Bolívia" – até a área mundial – exemplo dos artigos "O Kaiser", "A arcádia da Alemanha", "A missão da Rússia", "Transpondo o Himalaia", "O ideal americano". A atenção dirigida para a política internacional, sempre manifesta por Euclides, aparece em vários escritos – quer de abordagem direta de um assunto, quer indireta, tecendo comparativos e remissividades para a expressão de sua opinião, caso p. ex. no 2º artigo "A nossa Vendéia", de 17 julho 1897, onde estabelece um paralelo entre a insurreição em Canudos e as invasões colonialistas das potências européias no território de outros povos (seu ardor republicano, a crença no novo regime como avanço da civilização e do progresso, turvando sua interpretação e fazendo-o esquecer de que não se tratava propriamente de uma guerra imperialista, os canudenses brasileiros e não estrangeiros). Neste particular, Euclides procurara essencialmente diagnosticar o imperialismo sem interpretá-lo com profundidade: tinha noção de sua presença nos "interesses de países estrangeiros" no anti-republicanismo dos insurreitos de Monte Santo e na restauração da monarquia brasileira – interpretação depois radicalmente corrigida, no revisionismo pós-Canudos – e na "cobiça das potências estrangeiras desenvolvidas" com relação à Amazônia (vide "a *ecopolítica em Euclides*").

A 'devoção' de Euclides à República (no estágio primeiro) tem como essência 'medular' o cientificismo, que forneceu seu conceito da República, para ele uma forma de organização social, mais do que um simples regime de governo, lastreada numa 'filtragem' democrática dos talentos 'superiores' nas várias camadas sociais, o sistema por excelência dos mais bem dotados intelectualmente, das grandes capacidades: só uma "elite justa e esclarecida" poderia conduzir adequada e competentemente os destinos do país – não pelo poder em si, mas para fazer o País superar seus problemas e diferenças sociais, esta a maior de suas preocupações e empenho na busca de soluções, ao menos a nível intelectual. Uma 'elite dotada, justa e esclarecida' formada e proveniente da Escola Militar, "*o primeiro estabelecimento científico do mundo*" [sic] – que teve sua mais notável participação na vida pública do País justo na década precedente à Abolição e à República, período de extraordinário ativismo político da instituição, plenamente aliciada para as duas campanhas; só esse contingente social condensaria os atributos políticos, científicos, racionais, culturais e morais para cumprir sua missão. Convém observar, neste particular, que Euclides não foi um militante na campanha republicana pré-1889, como tantos intelectuais e literatos seus contemporâneos (e amigos): da mesma forma quanto à Abolição<sup>2</sup>. Vale também notar que para Euclides o Império,

---

<sup>2</sup>Da mesma forma que não fora ativo participante da campanha republicana, pré-1889, Euclides não se envolveu de modo explícito e atuante com o movimento abolicionista -- no qual, como naquele, se empenharam muitos intelectuais e literatos, alguns amigos seus, como José do Patrocínio, Silva Jardim, Luis Gama, Vicente de Carvalho -- e sua relação com o abolicionismo constitui tópico a ser apreciado sob ótica bastante específica: se, de um lado, no marcante artigo "O Brasil no século XIX", originalmente de 31 dezembro 1900, publicado em *O Estado de S. Paulo*, depois re-intitulado "Da Independência à República", na *Revista do IHGB*, 1906, procura sem chegar a 'justificá-la' ou enfocá-la em profundidade considerar a escravidão como "dolorosa fatalidade histórica", de outro, basta ler com acurada atenção trechos de *Os sertões* em que descreve, estarrecido e indignado, o estado escravagista dos sertanejos que testemunhara em Canudos e o quanto o negro dos sertões, sobrevivente do quilombola colonial, sai engrandecido ao descrever a morte e velório de um deles (vide "a

mormente do II Reinado, reunia parte desses pressupostos – de ‘talentos superiores de uma elite esclarecida e preparada’ – assim como o próprio imperador Pedro II, um homem “de espírito científico e intelectual”, mas em contrapartida não era capaz de promover justiça social, de criar uma sociedade humanitária, democrática: havia o absolutismo do poder, compadrios e conchavos políticos, corrupção eleitoral – absolutamente abomináveis para Euclides, que os tinha como “demônios dos vícios políticos”; mais tarde, sabemos, constataria o mesmo quadro nos primeiros anos de sua ‘idealizada’ República...

O propagandismo republicano que engendrou e praticou - pelo menos até o final da década de 1890 - era para Euclides antes e acima de tudo propagandismo científico, irrevogavelmente convicto da superioridade da ciência sobre todas as demais formas do saber. A par desse duplo propagandismo, propugnava pelos ideais de uma sociedade humanitária, justa, democrática, moderna e civilizada – seu projeto de “Pátria humana”, como resultado possível e desejável do progresso material e científico engendrado no século XIX, a intensificar-se no século XX – sob uma evolução, sustentava ele, contínua, linear, conjugando o industrialismo com a edificação de uma sociedade progressista, justa: era convictamente entusiasta do “curso irresistível do movimento industrial”, para ele a lídima consumação do liberalismo econômico, indissolavelmente acoplado ao liberalismo social que sustentava com tanta ênfase – o liberalismo, advindo do positivismo e cientificismo, na verdade muito mais evoluído, pois segundo Euclides “as novas correntes, forças conjugadas de todos os princípios e todas as escolas – do contismo ortodoxo ao positivismo desafogado de Littré, das conclusões restritas de Darwin às generalizações ousadas de Spencer – o que nos trouxeram de fato, não foram os seus princípios abstratos, ou leis incompreensíveis à grande maioria, mas as grandes conquistas liberais do nosso século”. Para ele, somente o progresso, gerador do crescimento material, econômico, tecnológico, seria capaz de propiciar e garantir o equilíbrio e a justiça social – e somente um regime de cientistas e técnicos o poderia prover.

Paralelamente, seu modelo idealizado formulava uma sociedade baseada na meritocracia, na ascensão do indivíduo pelo talento, competência, e não por suas origens aristocráticas – a ‘aristocracia do mérito’ substituindo a ‘aristocracia de berço’. Daí acreditava que o advento da República não significava apenas e exclusivamente a vitória de um partido ou de um movimento, mas simbolizava o nascimento dessa nova sociedade. Tudo sob a égide e escopo de um elemento-vetor fundamental, basilar em Euclides, em seu pensamento filosófico-ideológico: o liberalismo social – rigorosamente afinado, por um viés, com o próprio histórico do pensamento social brasileiro no decorrer do século XIX, presente e atuante também nas aspirações com vistas à implantação da República.

Neste particular, Euclides provavelmente recebeu influência intelectual e ideológica, nesse sentido, do francês Emile Durkheim (1858–1917); do inglês Thomas Hill Green (1836–1882); do norte-americano John Dewey (1859–1952); do britânico Leonard Hobhouse (1864–1929), um dos teóricos do novo liberalismo (liberalismo social) juntamente com Thomas Hill Green (que sustentava o verdadeiro liberal ser, por natureza, um reformador social, o paladino do humilde explorado e o adversário de todos os altos interesses dominantes e predatórios) e John Atkinson Hobson—com este, formando ‘os dois Hob’, que defendiam a necessidade de unir liberdade e igualdade. É possível – e crível – que Euclides, ao unir as duas ‘pontas’ de sua ideologia, fosse um precursor do social-liberalismo contemporâneo, a convergência entre

---

etnopolítica em Euclides”), assim como o prefácio do livro *Poemas e canções*, de Vicente de Carvalho, em que clama por justiça para “uma raça humilhada e sucumbida” e redenção “à imensa desventura do africano abatido pelo traficante”, e passagens da conferência “Castro Alves e seu tempo”, publicada no *Jornal do Commercio* a 3 dezembro 1907. Sob todos os prismas e aspectos, importa essencialmente saber que Euclides tinha o abolicionismo como efetiva conquista das forças liberais e das práticas do liberalismo social entre nós.

a herança liberal e a socialista, e, por ser o resultado natural de um processo histórico, surge desprovido de preconceitos e antagonismos abstratos, obedecendo às exigências e conjunturas de cada povo rumo à democracia social. Devendo ser o efetivo criador da nacionalidade brasileira, o liberalismo social de Euclides, assim formulado, constituía e consistia em proposta de ordenamento do Estado brasileiro, sob novos conceitos, formas e fórmulas, essencial e radicalmente diferentes das anteriores tentativas, dos Inconfidentes em 1789, da Sabinada de 1798, da Confederação do Equador de 1824 – sob o 'liberalismo radical', com Frei Caneca, e depois também Cipriano Barata (1762 -1838), Diogo Feijó (1784- 1843), Teófilo Ottoni (1807-69) – de Hipólito da Costa (1774-1823) -- primeiro grande divulgador do ideário liberal, assim explicitado, em seu *Correio Braziliense* -- de Silvestre Pinheiro Ferreira (1769-1846) -- e sua reflexão sobre a "doutrina da representação" – e do modelo de exercício de poder durante o Império, tanto no I Reinado, tendo José Bonifácio como 'construtor' político, como no II Reinado – mas com o poder absolutista do Imperador. O 'liberalismo doutrinário' – seqüente ao 'liberalismo radical', sob o lema da conjugação "da ordem com a liberdade", que teve em Benjamin Constant um inspirador, veio a ser substituído pelo 'liberalismo cientificista', na década de 1870, com Gaspar Silveira Martins (1835-1901), Tavares Bastos (1839-75), Tobias Barreto (1839-89), Joaquim Nabuco (1849-1910), Clóvis Beviláqua (1859-1944), ampliando a preocupação política dos doutrinários com a ênfase nos temas sociais, econômicos e culturais, traduzido por defesa do federalismo, pregação do abolicionismo imediato, crença total no Progresso, defesa intransigente da democracia, aceitação do liberalismo econômico mas gestado pelo Estado, e "abertura social do liberalismo aos desamparados". Nesse contexto, convive Euclides nas décadas de 1880 e seguintes, até (pós-fundação da República) à sumária superação do liberalismo pelo autoritarismo, tudo se diluindo com a Constituição republicana, implementada por elites conservadoras, autoritárias e anti-liberais o que perdura até o fim da chamada República Velha, na década de 1930.

Mas Euclides, no que tange ao liberalismo social, avança e 'ultrapassa' seus pares e correligionários de doutrina porque o projeta e integra, depois, à postura socialista, algo inovador a sugerir reflexões e interpretações por estudiosos e especialistas. O liberalismo social constitui-se justamente no 'link' que primeiro emoldura, consubstancia e define suas proposições referentes ao primado de uma 'elite cientificamente dotada de atributos superiores', posteriormente lastreia, embasa e molda seu 'abraçar' o socialismo - "(...) *temo-lo como uma idéia vencedora* (...)". Nisso, a chave de um possível – e instigante – enigma, ou teorema, euclidiano: o que faz e o que conduz um pensador a fazer uma travessia, por assim, dizer de um pólo a outro do espectro ideológico? Certamente não há como deixar de traçar o naturalmente inevitável paralelo com trajetórias razoavelmente comuns entre intelectuais de todos os matizes, épocas e contextos (ir do socialismo ou similar para uma posição 'conservadora'), no caso de Euclides com sinal trocado, digamos...

Outro elemento revelador de elos comuns entre o início e o fim em Euclides encontra-se no cerne desse liberalismo social: o Estado, tido como "o grande catalisador de energias sociais" e primordial incentivador do desenvolvimento - sabendo-se que um dos propósitos básicos embutidos nesse projeto, no lastro combinado do cientificismo-liberalismo, era exatamente construir o Estado-nação, o Estado então existente completamente remodelado em sua estrutura institucional, política e social, com vistas a uma sociedade progressista, moderna, civilizada; mas devendo 'recuar' progressivamente tão logo se consolide este processo específico, restringindo-se à ordenação institucional e administrativa da sociedade e a garantia da ordem – advogando, e antecipando, o conceito contemporâneo do 'Estado

mínimo', portanto. Aqui, mais uma vez vai além de seus correligionários históricos do liberalismo social, os quais tendo o mesmo entendimento de o Estado como cerne e catalisador, de outro lado não postulavam tal estágio de restrição.

Havia em Euclides essencialmente uma espécie de romantismo libertário, combustível de sua crença política na República – acima mesmo de interesses pessoais – ou no republicanismo, como o único meio de o Brasil vir a ser uma Nação desenvolvida e moderna e o único modelo de organização política e social verdadeiramente democrático por eliminar privilégios e permitir ascensões e inclusões sociais; romantismo libertário, combustível também de um inconformismo diante dos impasses quanto as possibilidades de mudança social no Brasil e superação dos isolamentos sociais, pelas dificuldades, que por vezes via intransponíveis, diante do que considerava “a questão nacional”: a consolidação e sedimentação da nacionalidade conjugadas com a inserção e integração da sociedade brasileira numa ordem humanitária, e como ordená-la para a efetiva transformação do Brasil numa Nação.

A posterior desilusão com a República foi muito mais e antes de tudo o desalento com o fracasso do ideário de liberalismo social e a certeza da não-consecução do projeto político-ideológico-científico. Talvez na sensibilização anos depois, com as teses socialistas visse nelas o suporte ideológico, não o socialismo *per se*, que propiciasse a realização daquele ideário – em comum, o elo humanitário e o ideal de justiça social.

### ***da devoção à desilusão, e ao revisionismo***

A República, primeiramente sua pregação e exaltação, depois sua revisão, é tema central na vida<sup>3</sup> e na obra de Euclides: não foi pré-1889, um militante ativo, discursivo e pregador, atuante em comícios e protestos, a exemplo de muitos intelectuais e literatos, cuja geração, arraigada nas teorias científicas de 1870, e todo o espírito progressista da época pareciam estar com a República, apoiada pela maçonaria, pelo positivismo e pelas correntes que se julgavam “desassombradas de preconceitos”, as idéias circulando mais livremente num ambiente que Evaristo de Moraes [MORAES,1936; p. 78] qualificou de “porre ideológico”, um verdadeiro mosaico no qual era predominante o liberalismo - manifestando-se especialmente como abolicionismo e republicanismo, entre os republicanos ‘históricos’ como Benjamin Constant, José do Patrocínio, Silva Jardim, Lopes Trovão, Alberto Sales, Joaquim Serra – mas que abrigava alguma voga de anarquismo em Elisio de Carvalho (até escrever o *Five o'clock*), Curvelo de Mendonça, Fabio Luz, Afonso Schmidt, e um anti-racismo declarado em Alberto Torres e Manuel Bonfim. Sob os princípios genéricos do liberalismo, o grupo intelectual definira a tarefa que lhes cabia; contribuir e propugnar por uma ampla, profunda ação conjunta para construir a nação – no campo da produção intelectual intensificaram estudos da realidade brasileira (as obras de Alberto Torres, Manuel Bonfim, Oliveira Vianna são documentos exemplares) e se empenharam no ‘criar um saber próprio sobre o Brasil’ (ênfatizava José Veríssimo em “Um estudioso pernambucano”, artigo na revista *Kosmos*, n.1,

---

<sup>3</sup> Foi em encontros republicanos na casa do então major Sólon Ribeiro que conheceu Anna Emília Ribeiro, filha de Sólon Ribeiro, com quem se casou em 10 setembro 1890; numa das reuniões, deixou a ela um bilhete: “*Entre aqui com a imagem da República e parto com a sua imagem.*”

Rio de Janeiro, 1907) – e remodelar e fortalecer o Estado. Já em 15 de novembro de 1889 registraram sua total adesão: numeroso grupo de republicanos, junto com gente da rua, tendo à frente José do Patrocínio, Aníbal Falcão, João Clapp, Campos da Paz, Olavo Bilac, Luis Murat e Pardal Mallet - estes três pela primeira vez movidos à ação política concreta - dirigiu-se à sede da Câmara, aos gritos de viva à República, e redigiram moção de apoio aos chefes da insurreição militar nestes termos: *"Os abaixo assinados, órgãos espontâneos do povo do Rio de Janeiro, representam o governo provisório, instituído após gloriosa revolução que ipso facto extinguiu a monarquia no Brasil, a necessidade urgente da proclamação da República. Excelentíssimos srs. representantes supremos das classes militares do Brasil, marechal Deodoro da Fonseca, chefe de divisão Wandenkolk e tenente-coronel Dr. Benjamin Constant. O povo do Rio de Janeiro, reunido em massa no edifício da Câmara Municipal, tem a honra de comunicar-vos que, por meio de diversos órgãos espontaneamente surgidos e pelo seu representante legal, proclamou como nova forma de governo nacional a República. Esperam os abaixo assinados, representantes do povo do Rio de Janeiro, que o patriótico governo provisório sancione o ato pelo qual, instituindo a República, se pretende satisfazer a íntima aspiração do povo brasileiro. Viva a República Brasileira! Vivam o Exército e a Armada nacionais! Viva o povo do Brasil!* O entusiasmo adesista dos intelectuais era generalizado; em outro manifesto, dirigido ao Governo Provisório instalado a 16 de novembro, assinado por alguns homens de letras em 22 de novembro: *"O povo, e quando dizemos povo referimo-nos àquela grande parte da nação que os aristocratas de todos os tempos chamaram desdenhosamente o terceiro e quarto estado, donde, reparaí bem, em sua maioria saiu sempre o nosso glorioso Exército; os homens de letras, e quando dizemos os homens de letras referimo-nos a todos aqueles que tomando a si os encargos intelectuais da pátria foram, no curso de quatro séculos, os fatores mais enérgicos e mais desinteressados de nosso progresso; plebe e pensadores, sempre estas duas forças caminharam aqui unidas!... Agora mesmo no fato extraordinário que é o espanto da Europa e o júbilo da América na proclamação da República, as duas grandes forças lá estão unidas uma a outra... A era das grandes lutas da política responsável abriu-se definitivamente para os brasileiros... A pátria abriu as largas asas em direitura à região constelada do progresso; a literatura vai desprender também o vôo para acompanhá-la de perto. Ao futuro! ao futuro, modeladores de povos, construtores de nações.* No clamor pela ampliação da atuação do Estado sobre a sociedade aliavam-se a homens públicos, políticos, jornalistas, até mesmo cafeicultores e industriais, e a esse grupo juntar-se-ia os grupos militares defensores e sequiosos de maior participação dos militares na política – o que depois não causaria surpresas quando do progressivo e acentuado fortalecimento dos governos republicanos a partir de Floriano Peixoto. As reformas que preconizavam, no entanto, perderam-se no processo político republicano. Na consolidação do novo regime, dando-se por meio de um processo caótico e dramático, malograram-se seus esforços cientificistas, reformadores, inovadores na criação daquele 'saber sobre o Brasil'. Cedo, muito cedo, já nos primeiros anos do século XX desiludiam-se: *"Está tudo mudado: Abolição, República... Como isso mudou! Então, de uns tempos para cá parece que essa gente está doida"*, vaticina Isaias Caminha, sob a pena de Lima Barreto. José Veríssimo, em "Vida literária" (revista *Kosmos*, n. 7, 1904), descreve: *"Todos se presumiam e diziam republicanos, na crença ingênua de que a República, para eles palavra mágica que bastava à solução de problemas de cuja dificuldade e complexidade não desconfiavam sequer, não fosse na prática perfeitamente compatível com todos os males da organização social, cuja injustiça os revoltava"*. Ainda em outubro de 1890, antes do primeiro aniversário do 15 de novembro, desencantava-se Silva Jardim, lamentando em carta a Rangel Pestana: *"Comunico-lhe que*

*parto para a Europa, a demorar-me o tempo preciso a que este País atravessasse o período revolucionário de ditadura tirânica e de anarquia...". "Esta não é a República de meus sonhos".* lamentou-se Lopes Trovão, um dos próceres do movimento republicano. "Foi para isso então que fizeram a República?", protestou Farias Brito. No campo político, até que mantiveram-se passivos diante da "ditadura tirânica" e aceitaram as coligações de Deodoro da Fonseca com as forças mais conservadoras do Brasil agrário, mas as esperanças esfacelaram-se diante da índole e prática repressoras do governo Floriano Peixoto, quando se deu um cisma profundo entre os literatos e alguns dos antigos entusiastas da República tiveram de fugir do Rio de Janeiro para evitar a prisão, como Olavo Bilac e Guimarães Passos. Passado o momento inicial de esperança, desfeito o caminho almejado da democratização do País prometida em comícios, conferências públicas, na imprensa radical, consolidada a vitória da ideologia reforçadora do poder oligárquico, derrotados, desapontaram-se as elites, desapontaram-se os trabalhadores e o povo, desapontaram-se os intelectuais, que desistiram da política militante e se concentraram na literatura, aceitando postos, mesmo decorativos, na burocracia especialmente no Itamaraty de Rio Branco, que atraía em torno de si, eficiente Ruy Barbosa no trabalho de 'cooptação', o grupo de intelectuais, representantes da *intelligentsia* do novo regime, constituindo o que à época se auto-denominaram "República dos Conselheiros". Difícil de manter uma convivência pacífica entre a República política e a 'Republica das letras', agravado pela crescente insatisfação popular com o novo regime, exposta em agitações de rua, episódios violentos, revoltas e movimentos de protesto – e mais ainda com os novos costumes e práticas de desenfreada especulação financeira, a busca de enriquecimento a qualquer custo, o advento de um capitalismo predatório levando ao encilhamento, a escandalizar Taunay que via "uma degradação da alma nacional" e a decepcionar republicanos ardorosos como Raul Pompéia, para quem "a República discute-se consubstanciada no Banco da República". A par do afastamento repressor promovido pelo poder, viram-se compelidos a submeter sua produção literária ao "valor do mercado" – (...) *neste século de danação social, em que o Dinheiro logrou a tiara de pontífice ubíquo, para reinar discricionariamente sobre todas as coisas.*", registrava Augusto dos Anjos em palestra pública.

Euclides, na verdade, começou a ganhar notoriedade política a partir do marcante 'episódio do sabre'<sup>4</sup>, sendo então convidado a colaborar em *A Província de São Paulo*, inteiramente engajado na causa republicana, no qual escreveu de 22 dezembro 1888 a 28 junho 1889 uma série de artigos inflamados (sob o pseudônimo de Proudhon, anarquista francês<sup>5</sup> – a anunciar e prenunciar um Euclides simpatizante do socialismo que viria depois) deflagrando verdadeira campanha republicana, pondo a nu um Euclides doutrinário, propagandista, panfletário. Acreditava ser inevitável a substituição da Monarquia pela República, de um lado em conformidade com as leis gerais da evolução política – sua formação positivista e cientificista o levava à crença em uma série linear de etapas do desenvolvimento humano, segundo o que

---

<sup>4</sup>Incidente ocorrido em dezembro de 1888, na Escola Militar da Praia Vermelha, no Rio de Janeiro, quando foi desligado por ato de insubordinação durante a revista das tropas pelo ministro da Guerra (o comandante da Escola, o general Clarindo de Queirós, tinha proibido os cadetes de participarem de manifestação ao propagandista republicano Lopes Trovão, que retornava ao Rio, vindo da Europa, e para impedir a saída dos jovens da escola, fora marcada inspeção das tropas pelo ministro; Euclides, com 22 anos, saíra de forma durante a revista, atirara ao chão o sabre-baioneta, após tentar sem sucesso parti-lo sobre a perna, e interpelara o ministro Tomás Coelho sobre a política de promoções no Exército.

<sup>5</sup> Pierre-Joseph Proudhon (1809 --65), de ativa atuação na difusão de um ideário anarquista, voltado (assim como Fourier e Saint-Simon) para uma reorganização da sociedade tendo por princípio a justiça, como base da harmonia social, e apoiada no mutualismo, forma de cooperação em associações sem o poder coercitivo do Estado; autor de *Qu'est ce que la propriété?* (1840), *Filosofia da miséria* (1846), *Théorie de la propriété* (1866), entre outras.

a República seria introduzida pela via pacífica, de forma evolutiva – de outro, num recrudescer de radicalismo, com o uso da força, pela via revolucionária, em torno de que se deram todos os artigos publicados no ano de 1889, o primeiro em janeiro, intitulado "89", tecendo o paralelo entre 1789, ano da Revolução Francesa, e 1889, e reiterando ser necessária uma revolução política como a ocorrida na França, capaz de apressar a evolução para a República.

Passou da militância pela República à descrença com os rumos do novo regime - distanciamento gradativamente se revelando na seqüência de artigos que publicou, entre 1890 e 1892 em *O Estado de S. Paulo*, em diversas cartas, a primeira ao pai, em junho de 1890 - expressando sua avaliação de que o país estava entrando em um "*desmoralizado regime da especulação, em que se pensava em tudo, menos na Pátria*" (muito de seu desalento vinha também do Encilhamento e sua "orgia especulativa, e a ambição fiduciária dos sequiosos das rendas de novos cargos") – depois ao sogro, major (à época) Sólon Ribeiro, em 1895 – dizendo que "*a situação é justamente de espertos, daí o grande desânimo que me atinge. (...) Às vezes creio que a nossa Republica atravessa os piores dias*" - a João Luís Alves, em maio 1897, poucos meses antes de seguir para Canudos - como uma espécie de testamento de pessimismo, lamentando "*esse descalabro assustador, ante essa tristíssima ruinação de ideais longamente acalentados (...), a República agora paraíso dos medíocres, nela o triunfo das mediocridades e preferência dos atributos inferiores.*" O que mais o inconformava era o desvirtuamento dos ideais republicanos – que tinha ao fundo e na essência, não custa reiterar, a frustração no que tange às proposições inerentes ao liberalismo social.

Não obstante os primeiros questionamentos e as primeiras decepções – expostas majoritariamente na correspondência, assim mesmo aquela mais estritamente particular; nos artigos, até 1892, continuava a externar e registrar sua absoluta crença e fé no novo regime, defendendo-o e enaltecendo-o sempre, não obstante em artigo a 18 março 1890 citar "(...) *a luta ...começa a perder a sua feição entusiástica e a inocular-nos o travor das primeiras decepções(...)*" - participou, ainda que de forma secundária, do contragolpe de Floriano Peixoto, em 23 de novembro de 1891, comparecendo a algumas reuniões de preparação da conspiração na casa do vice-presidente: após a vitória, Floriano chegou a convidá-lo para ocupar cargo político, recusado por ele. Euclides defendia pela imprensa a legalidade do governo de Floriano, escrevendo não mais como revolucionário mas como situacionista, que via na permanência de Floriano no poder a possibilidade de consolidação da República. Mostrava-se favorável, em artigos publicados em março e abril de 1892, a uma "política conservadora", capaz de garantir o "estabelecimento da ordem", atacando os opositores de Floriano, que comparava aos camponeses rebeldes da Vendéia - sublevação camponesa, monarquista e católica, ocorrida na Revolução Francesa, de 1793 a 1795 : "*A República brasileira tem também a sua Vendéia perigosa!*" Mas tinha certeza da vitória do governo, recorrendo ao mesmo paralelo histórico que em março e julho de 1897 iria aplicar a Canudos - "*A República vencê-los-á, afinal, como a grande revolução à Vendéia*" – nos dois artigos que publicou em *O Estado de S. Paulo*, intitulados "A nossa Vendéia", antes de ser enviado como correspondente a Canudos.

O idealismo republicano de Euclides diluiu-se ao longo dos anos subseqüentes, e sua crítica aos desvios da política republicana (o rompimento definitivo veio por ocasião da Revolta da Armada, 1893, quando denunciou publicamente a violência da repressão ordenada por Floriano, os desmandos e as arbitrariedades do governo) radicalizou-se a partir da elaboração de *Os sertões*, em que a par de outros elementos que conhecemos discutia a fundação da República por meio de um

golpe militar e os problemas que tal origem trouxeram ao novo regime, criticava de forma aguda quer o militarismo dos primeiros governos, quer o liberalismo artificial de uma Constituição que as elites civis violentavam por meio de fraudes e manipulações eleitorais: o Estado, 'tomado' e manipulado ostensivamente pelas oligarquias políticas e econômicas, o arrivismo financeiro desenfreado pelos especuladores, o empresariado e cafeicultores valendo-se acintosamente dos recursos públicos, deputados e senadores valendo-se da distribuição de cargos e sinecuras para familiares, amigos, protegidos e cabos eleitorais. O público e o privado integrados – quando justo a separação entre eles consistia numa dos elementos da própria identidade do liberalismo.

Em trecho não incluído na versão final do livro, observou que o novo regime fora incapaz de romper com o passado: "*A República poderia ser a regeneração. Não o foi. (...) a velha sociedade não teve energia para transformar a revolta feliz numa revolução fecunda*" (in *Manuscrito inédito de Os sertões*, FBN). Em "Um velho problema", publicado em *O Estado de S. Paulo* em 1º de maio de 1904, quase como uma revisão daquele seu artigo de janeiro de 1889, sustentava que a Revolução Francesa tinha oferecido ainda "*o espetáculo singular de repudiar, desde os seus primeiros atos, os seus próprios criadores, o que poderia ser aplicado também à República brasileira*".

Contudo, a desilusão euclidiana com a República não fez dele um resignado – até porque tinha uma natureza-índole extremamente inconformista e combativa; ao contrário, empenhou-se em delinear um programa de ação com o fito de restauração da dignidade, da racionalidade e da moralidade no país, programa cujo pressuposto era a superioridade do saber científico para a organização e condução da sociedade brasileira, o Estado como núcleo catalisador, concentrador e irradiador das energias sociais em conjunto com uma elite técnica e científica.

Na apreciação da obra e da atuação intelectual de Euclides, e seu olhar sobre a questão social em simbiose com a política, é preciso ter em vista e compreender tanto o padrão de organização social e de domínio vigente no país. Sobressai em Euclides a reflexão e indagação acerca da viabilidade de a sociedade brasileira ser ou não capaz de gerar mudanças substanciais. Em torno dessa questão, construiu profunda reflexão, buscando no processo histórico os fundamentos da constituição de um tipo de configuração política que contivesse todos os elementos para as transformações sociais substantivas. Uma de suas maiores indagações reportavam-se a deduzir serem as dificuldades, os impedimentos, as impossibilidades oriundas dos homens ou das instituições – e respondia: dos dois – porquanto a cultura política prevalecente no país se incumbia de internalizar em cada indivíduo os vícios de um modo de agir que levava à perpetuação das dificuldades políticas brasileiras. Mas atribuía também ao sistema representativo que vigorava no país, a responsabilidade pela contínua decadência política que se instaurou no século XIX e XX.

Euclides foi o primeiro de todos e seu tempo (assim como para o meio ambiente e sua correlação com a política, assim como para a Amazônia) a enxergar e denunciar a prática das conciliações – estagnadoras –, tidas por ele não como construtoras do entendimento e do consenso mas como expressão de um conflito latente na própria ordem política e social brasileira. Euclides afirmava e reafirmava o caráter vicioso da prática conciliadora – e se atentarmos o quanto toda a vida política brasileira, no decorrer dos anos, se constituiu através da conciliação, constataremos a plena atualidade de Euclides também nessa seara.

Na essência, as críticas traziam implícita a revisão de algumas de suas próprias posições políticas, marcadas originariamente pela adesão a um conjunto de crenças científicas e filosóficas materializadas no movimento republicano, mas que foram paulatinamente, a par dos desmandos praticados no novo regime, se incorporando a um processo de conhecimento e consciência inerentes a sua vivência em Canudos – testemunha ocular e física dos cenários de miséria, opressão, violência, injustiça social – e depois em São José do Rio Pardo, quando e onde entrou em contato com um movimento ideológico – então emergente na cidade. – de resto já grassando em partes do mundo e entre muitos intelectuais brasileiros [vide n. 14] .

Em São José do Rio Pardo, enquanto escrevia *Os sertões*, refletia sobre a imperiosidade de “refundar a República”, corrompida pelo militarismo, o arrivismo financeiro-monetário, o falso liberalismo em que as elites civis cometiam toda sorte de fraude eleitoral e corrupção, e praticavam a conciliação. Mergulhado num processo de revisionismo profundo – reformulador inclusive de uma teoria sobre o Brasil, construída a partir do positivismo-cientificismo-evolucionismo – descartava a interpretação corrente de uma conspiração política anti-republicana e pró-monarquia<sup>6</sup>, acusava o Exército, a Igreja e o governo pela destruição de Canudos, mencionando inclusive o massacre de prisioneiros sobre o que antes mantivera silêncio e omissão.

Extremamente significativos, neste sentido, são os escritos euclidianos com relação, por exemplo, a Canudos e a Antonio Conselheiro – os primeiros, nos textos do “Diário de uma expedição”, originalmente publicados em série em *O Estado de S. Paulo* de 9 agosto a 25 outubro 1897, onde escreve:

*“Bahia- 15 de agosto. (...) / Antonio Conselheiro, espécie bizarra de grande homem pelo avesso, tem o grande valor de sintetizar admiravelmente todos os elementos negativos, todos os agentes de redução do nosso povo. / Vem de longe - repellido aqui, convencendo mais adiante, num rude peregrinar por estradas aspérimas – e não mente quando diz que é um ressuscitado porque é um notável exemplo de retroatividade atávica e no seu misticismo interessante de doente grave ressurgem, intactos, todos, os erros e superstições dos que o precederam, deixando-lhe o espantoso legado. / Acredita que não morre porque pressente, por uma intuição instintiva, que em seu corpo fragílimo de evangelizador exausto dos sertões se concentram as almas todas de uma sociedade obscura, que tem representantes em todos os pontos da nossa terra. / Arrasta a multidão, contrita e dominada, não porque a domine, mas porque é o seu produto natural mais completo. / E' inimigo da República não porque lhe explorem a imaginação mórbida e extravagante de grande transviado, mas porque o encaçam o fanatismo e o erro. / E surge agora; - permaneceu em vida latente longo tempo e devia aparecer naturalmente, logicamente quase, ante uma situação social mais elevada e brilhante, definida pela nova forma política como essas sementes guardadas há quatro mil anos no seio sombrio das pirâmides, desde os tempos faraônicos, e germinando espontaneamente agora, quando expostas à luz'...(.)*

---

<sup>6</sup>Roberto Ventura, um dos maiores e mais articulados estudiosos euclidianos, sustenta que a destruição de Canudos deveu-se menos ao anti-republicanismo do Conselheiro do que a fatores políticos, como o conflito entre facções partidárias na Bahia, rompendo o equilíbrio político da região, a atuação da Igreja contra a atuação dos beatos e pregadores, as pressões dos proprietários de terras contra a comunidade que se expandia trazendo escassez de mão-de-obra (VENTURA, 1994; p. 13). Relevante também considerar o que Roberto Ventura escreveu acerca do Conselheiro : “(...) Antonio Maciel, o Conselheiro, reuniu seus sermões em dois volumes manuscritos, a que Euclides não teve acesso quando redigiu sua obra. Tais prédicas mostram um líder religioso muito diferente do fanático místico ou do profeta milenarista retratado em *Os sertões*. Revelam um sertanejo letrado, capaz de exprimir, de forma articulada, suas concepções políticas e religiosas, que se vinculavam a um catolicismo tradicional, corrente na Igreja do século XIX (...)” (VENTURA, 2000; p. 532).

"Canudos – 1º. de outubro / (...) *Sejamos justos – há alguma coisa de grande e solene nessa coragem estóica e incoercível, no heroísmo soberano e forte dos nossos rudes patrícios transviados e cada vez mais acreditado que a mais bela vitória, a conquista real consistirá no incorporá-los, amanhã, em definitivamente, à nossa existência política*"(...).

Nesse trecho, em particular, a essência mesma do pensamento euclidiano lastreado no liberalismo social e numa ideologia humanitária.

"Bahia, 8 setembro (11 hs. 10 m.m.) *O marechal Machado Bittencourt, ministro da Guerra, só seguirá para o sertão depois de providenciar sobre o equipamento e organização das forças e aguardará a chegada dos batalhões do sul e do norte. / (...) Todas estas medidas são tomadas com urgência e ordem. / (...) Embora conste a existência de poucos jagunços em Canudos, acredita-se que outros estejam embocados nas imediações. / A vitória, porém, é infalível e próxima. Viva a Republica !*"

"Monte Santo, setembro 25 (Urgente). *Está completo o sitio de Canudos.*

*Viva a Republica.*"

Depois, já em *Os sertões* (que escreveu de 1898 a 1902), é enfático :

"(...) *Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a história, resistiu até ao esgotamento completo. Expugnado palmo a palmo, na precisão integral do termo, caiu no dia 5, ao entardecer, quando caíram os seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas: um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam furiosamente cinco mil soldados. / Forremo-nos à tarefa de descrever os seus últimos momentos. / Nem poderíamos fazê-lo. / (...) Ademais, não desafiaria a incredulidade do futuro a narrativa de pormenores em que se amostrassem mulheres precipitando-se nas fogueiras dos próprios lares, abraçadas aos filhos pequeninos.*" (...)

E conclui por definir a guerra de Canudos como "(...) *um crime inútil e bárbaro (...), uma charqueada (...), a luta mais brutal dos nossos tempos (...), um esboço real do maior escândalo da nossa história*(...)".

E mais: "*Duas linhas [VII] - É que ainda não existe um Maudsley para as loucuras e os crimes das nacionalidades...*"

Em janeiro de 1902, já em fase final de elaboração do livro, escreveu "(...) *serei um vingador e terei desempenhado um grande papel na vida – o de advogado dos pobres sertanejos assassinados por uma sociedade pulha e sanguinária.*" em carta dirigida a Francisco de Escobar.

*o socialismo, "(...) uma idéia vencedora (...)"*

Com efeito, não pode deixar de se considerar, dentro do espectro ideológico euclidiano, a questão do socialismo, assumido explicitamente a partir de 1899 – mas convém saber que já por volta de 1894 entregara-se com fervor aos estudos brasileiros e interesse pelas ideologias renovadoras que já encontravam eco no Brasil republicano, entre políticos, intelectuais e literatos<sup>7</sup>.

Mas o socialismo abraçado e assumido por ele sem qualquer teor, digamos, dialético:

*"Nada de idealizações; fatos e induções inabaláveis resultantes de uma análise rigorosa dos materiais objetivos; e a experiência e a observação, adestrada em lúcido tirocínio ao través das ciências inferiores; e a lógica inflexível dos acontecimentos; e essa terrível argumentação terra-a-terra, sem tortuosidade de silogismos, sem o idiotismo transcendental da velha dialética, mas toda feita de axiomas, de verdadeiros truismos, por maneira a não exigir dos espíritos o mínimo esforço para o alcançarem, porque ela é quem os alcança independentemente da vontade, e os domina e os arrasta com a fortaleza da própria simplicidade".*

Euclides efetivamente se achegou ao grupo socialista de São José do Rio Pardo – é certo, por exemplo, que elaborou junto com o amigo Francisco Escobar o programa de *O Proletário*, órgão do "Clube Internacional Os Filhos do Trabalho" – mas uma plêiade de opiniões conflitantes cercam sua atuação e participação como militante. As interpretações controversas vão de Francisco Venâncio Filho – que assevera ter Euclides fundado na cidade o partido socialista, a 1º de maio de 1901 –, o biógrafo Eloy Pontes – que coloca Euclides à frente de comícios socialistas –, o escritor Silvio Rabelo e o jornalista e político Freitas Nobre – que afixam ter Euclides redigido o manifesto de fundação do partido socialista riopardense, no qual acentuava "(...) festa exclusivamente popular, ela se destina a preparar o advento da mais

---

<sup>7</sup>Historicamente, a crítica à sociedade burguesa industrial, desenvolvida desde os primeiros anos do século XIX, teve na França Charles Fourier (1772-1837), Claude-Henry de Rouvroy Saint Simon (1760-1825), e Robert Owen (1771-1858) na Inglaterra – que entendiam ser possível, através de diferentes táticas, conciliar o capitalismo industrial com as necessidades sociais dos operários – numa simbiose com o liberalismo social: Karl Marx e Friedrich Engels tornaram-se os maiores críticos desse grupo, conferindo-lhes a designação pejorativa de "socialistas utópicos"; duas correntes do socialismo – equidistantes a ambas, estavam Pierre-Joseph Proudhon (1809 --65) e Mikahil Bakunin (1816-77) – que tornaram-se, por motivações filosóficas ou por concepções doutrinárias ou por visões estratégicas distintas, adversários políticos inconciliáveis na Europa, mas que vieram a constituir a esquerda do espectro ideológico político na Europa, responsáveis tanto pela organização e pelo desenvolvimento dos movimentos operário e socialista quanto da internacionalização do movimento e dessas correntes filosóficas, de larga e duradoura influência em todo o mundo, contribuindo intensamente para as transformações da democracia liberal-burguesa ocorridas entre o fim do século XIX e as duas primeiras décadas do século XX (e que, em última análise, geraram a transição da democracia liberal para a social-democracia). As idéias socialistas no Brasil receberam ainda as influências dos franceses, aqui estabelecidos no século XIX, Louis-Léger Vauthier (engenheiro, que realizou projetos em Pernambuco), e Henrique Augusto Milet (também engenheiro, também radicado em Pernambuco, figura de proa do importante Congresso Agrícola do Recife, 1878, autor de *A lavoura da cana de açúcar*, 1881, e *Os Quebra-Quilos e a crise da lavoura*, 1874), e ganharam corpo por meio de intelectuais brasileiros, como Aprígio Guimarães, Clóvis Beviláqua, Tobias Barreto, Silvério Fontes, entre outros – e 'simpatias explícitas' em Martins Fontes e até mesmo Olavo Bilac. Todo esse contexto irradiou e influenciou profundamente a sensibilização de Euclides para o socialismo, num processo de aproximação com o ideário e as proposições que na verdade tiveram início por volta de 1894 quando deslocado, por 'iniciativa' de Floriano Peixoto, para Campanha, Minas Gerais, depois de seus protestos lavrados nas cartas ao jornal *Gazeta de Notícias*.

*nobre e fecunda das aspirações humanas, a reabilitação do proletariado pela exata distribuição da justiça, cuja fórmula suprema consiste em dar a cada um o que cada um merece (...)*” – o escritor e político Abguar Bastos – que sustenta até ter Euclides fundado com Francisco Escobar e Paschoal Artese o “Clube Os Filhos do Trabalho” e reitera sua autoria no manifesto de 1º. de maio de 1901 - o poeta e escritor Menotti del Picchia – que retrata “(...) *um cortejo encabeçado por estandartes de corporações de artesãos, grupos de proletários cantando hinos, bandas de música e homens de prol à testa da parada, em que se destaca um orador falando àquele grupo de trabalhadores, Euclides da Cunha, que já no manifesto de primeiro de maio de 1901 marca o encontro de seu autor com idéias que estão imanentes em toda sua obra (...)*” – até, no lado contrário, o promotor Aleixo José Irmão – rigorosamente o único que, embora com argumentos falhos e artificiais, contesta em Euclides a condição de socialista militante, mas não consegue desmentir a de simpatizante das idéias socialistas... .

Aqui o que menos importa, a meu juízo (guarda parentesco com a ridícula questão se a Capitu machadiana ‘traiu ou não traiu’, ou ainda de Machado ser a obra *Queda que as mulheres têm para os tolos* uma criação original ou tradução), é se Euclides participou direta e ativamente do movimento socialista no “Clube Os Filhos do Trabalho”, ou nas manifestações de rua, etc: o que interessa fundamentalmente é a postura euclidiana face à questão social e ao socialismo, postura absolutamente certa e plenamente comprovável, pelo artigos – todos datados de 1º de maio – de 1892, em *O Estado de São Paulo*, pelo programa de *O Proletário*, pelo artigo de 1904 “Um velho problema” – este, o mais avançado de sua lavra e um dos mais radicais de seu tempo: permeando-os, evidencia-se um claro processo de amadurecimento ideológico, pelo menos a nível teórico, processo intimamente ligado à sua desilusão cética com a República e a total, explícita e irrecorrível assimilação dos mais avançados princípios, pressupostos, conceitos e elementos progressistas – do positivismo-cientificismo-evolucionismo ao liberalismo social e socialismo – em seus escritos e na gênese de sua obra.

### ***a ecopolítica em Euclides***

De olhar voltado prioritariamente para o interior do país , Euclides da Cunha foi rigorosamente o primeiro intelectual brasileiro a cultivar e externar preocupações com o meio ambiente, inclusive fazendo da ecologia um tema político, um item de propostas de ação política, em que registra, observa e critica os embates entre uma civilização, para ele ainda improvisada, com a natureza do país , lançando as bases, inéditas no país , avançadas ao extremo em seu tempo e antecipadoras dos conceito e elementos do desenvolvimento sustentável , na permanente preocupação euclidiana no conciliar progresso com a preservação ambiental.

Ainda com 18 anos, lavrava um protesto em seu primeiro trabalho no jornal *O Democrata* de 4 abril 1884 –pequeno jornal dos alunos do colégio Aquino, onde estudava desde 1883, no qual inclusive foi aluno de Benjamin Constant, professor de matemática, que iria em 1886 reencontrar na Escola Militar e nele insuflar os ardores republicanos ; no artigo, externando o interesse e apreço pela natureza que estaria presente em toda sua obra, ao lado de descrever em viagem de bonde

para o colégio as maravilhas do cenário natural que descortinava, as matas e florestas da cidade do Rio de Janeiro, criticava o progresso representado pela estrada de ferro que degradava a natureza : “(...)Ah ! *Tachem-me muito embora de antiprogressista e anticivilizador, mas clamarei sempre e sempre: - o progresso envelhece a natureza, cada linha do trem de ferro é uma ruga e longe não vem o tempo em que ela, sem seiva, minada, morrerá! E a humanidade, não será dos céus que há de partir o grande "Basta" (botem b grande) que ponha fim a essa comédia lacrimosa(...)*Tudo isto me revolta ,me revolta vendo a cidade dominar a floresta,a sarjeta dominar a flor”.

Os sertões eram vistos por Euclides com um olhar mais amplo,abrangente e profundo que o de um geógrafo puro, mais do que de um simples geólogo, muito mais que de qualquer antropólogo : desenha,disseca e ‘interpreta’ o cenário dos sertões, descrevendo com rigorosa exatidão as formação, estrutura e nuances geológicas e climáticas da região – a “terra ignota” – e a partir daí, compõe sua reflexão sobre a seca , a incapacidade geral do país em resolver o problema – de um lado, evocando exemplos bem-sucedidos de soluções corretoras dos efeitos das secas adotada por outros países (“a exploração científica da terra,coisa vulgaríssima hoje em todos os países, é uma preliminar obrigatória do nosso progresso”) ; em diversos escritos propõe soluções técnicas, dessa ordem, para a questão no Brasil : se é capaz de criar desertos, o homem poderia também extingui-los – de outro, denunciando a utilização política da seca que tem servido para “a retórica de congressos e conferências,para projetos mirabolantes,para justificar uma burocracia voraz, perfeitamente digna de salvar o Nordeste nas esquinas da Avenida [assim] O Brasil não resolve seu grande problema,que não é apenas administrativo porque é igualmente moral,social e político”.

Depois, nos textos “Fazedores de Desertos”, publicado originalmente em 1901,em *O Estado de S. Paulo*, e “Entre as Ruínas”, em *O Paiz*,1904 ( cuja primeira versão, sob o título “Viajando” , é de 1903, em *O Estado de S. Paulo*– ‘credita’ ao próprio avanço humano o efeito maléfico na vegetação, nos recursos hídricos, nos solos, no clima, provocado pelas queimadas numa agricultura ainda com métodos herdados do período colonial . Como na maioria de seus textos sobre o tema, Euclides confronta riquezas passadas e farturas naturais com uma realidade arruinada -- “temos sido um agente geológico nefasto e um elemento de antagonismo terrivelmente bárbaro da própria natureza que nos rodeia” – explica,algo didaticamente, o processo de agricultura itinerante que ia tornando a terra cada vez mais desabrigada e pobre,e evoca a história ao atribuir a devastação florestal,como um ciclo desde os primórdios, ao indígena brasileiro , continuada pelo colonizador,feito um “terrível fazedor de desertos”, fosse o garimpeiro, “atacando a terra nas explorações mineiras a céu aberto, esterilizando-a com o lastro das grupiaras,retalhando-a a pontacos de aluvião” ou lavrador,“eliminando, a partir do mau ensinamento aborígene [a queimada] as grandes extensões de matas e florestas e aviltando o clima”, tornados ambos herdeiros de um modelo nefasto de uso da terra, agravando-o a ponto de esterilizar sua fertilidade e tornar a paisagem uma ruína só, de natureza e de pessoas,inclusive desencadeando fenômenos climáticos e geológicos na formação de desertos e do regime das secas – as quais dissecaria como ninguém ao dedicar-se ao sertão.Euclides contestava um modelo “peculiar e oportunista” de desenvolvimento, que “povoa despovoando”, “não multiplica as energias nacionais, desloca-as”, fazendo “avançamentos que não são um progresso, indoao acaso, nesse seguir o sulco das derribadas, deixando atrás um espantinho de civilização tacanha nas cidades decaídas circundadas de fazendas velhas”.

Ninguém antes de Euclides dedicou-se com tanta ênfase, profundidade e, em especial, pioneirismo, à Amazônia: foi o primeiro dos literatos brasileiros a conhecê-la *in loco* e a retratar, dramaticamente, aquele “paraíso perdido” e despertar, em textos ‘reivindicantes, vingadores’, o conhecimento e a discussão dos gritantes problemas que afligiam (afligem) a região – segundo ele um outro Brasil, aliás um novo Brasil. Sob o escopo de seu projeto de integração nacional, a Amazônia seria o destino inevitável dos contingentes saídos de outras regiões por adversidades climáticas, geológicas, geográficas e especialmente sociais e econômicas, constituindo-se na “mais dilatada diretriz de expansão de nosso território”, e para seus olhos embevecidos o “deslumbrante palco onde mais cedo ou mais tarde se há de concentrar a civilização do globo” – daí vindo a ser um dia objeto de cobiça estrangeira, vítima do expansionismo e ambições territoriais das potências mundiais (“a expansão imperialista das grandes potências é um fato de crescimento... e a conquista dos povos é uma simples variante da conquista de mercados”), o que exigia, sustentava Euclides, imediata e eficaz ação por parte das autoridades e do Poder Público para completa defesa e integração da região. Na Amazônia, por Euclides, a geopolítica recebe novas lentes: o olhar euclidiano sobre a região e seu ‘destino no Brasil e no mundo’ envereda e lança as primeiras luzes para a geopolítica, rigorosamente nos moldes, diga-se, dos mais atuais e importantes debates.

### ***a etnopolítica em Euclides***

A etnia brasileira foi um dos temas que mais mobilizaram Euclides para a formulação de reflexões sobre a nacionalidade, *per se* um tópico já excepcionalmente preponderante em seu arcabouço intelectual. No capítulo “O homem”, de *Os sertões*, por exemplo, expôs analiticamente as origens do homem americano, a formação social do sertanejo, e em especial os “malefícios da mestiçagem”: numa espécie de teoria étnica fatalista, admitia a história brasileira ter sido construída por meio do choque entre etnias e culturas condenadas ao desaparecimento -- rigorosamente de acordo, diga-se, com as teorias do sociólogo austríaco Ludwig Gumplowicz (que, sabemos, foi um dos pilares filosóficos, ao lado de Spencer, do pensamento evolucionista de Euclides) e sua teoria de a História guiada pelo conflito entre raças a resultar, conforme as ‘leis’ do evolucionismo, no esmagamento inevitável dos fracos pelos fortes.

Ao mesmo tempo em que reitera a falta de “integridade étnica” do brasileiro,

Euclides não julgava possível um único tipo étnico no Brasil -- “não temos unidade de raça, não a temos nunca; até porque nenhum país a tem igualmente, por toda parte os cruzamentos sucessivos impediram a conservação do tipo primitivo” -- posteriormente, sob o revisionismo pungente que elaborou, passou a ter o sertanejo, segundo ele, um tipo étnico-social diferenciado, como o único elemento de esperança de constituir no Brasil uma população homogênea, porquanto “as vicissitudes históricas o libertaram, na fase delicadíssima de sua formação, das exigências desproporcionais de uma cultura de empréstimo”.

Neste particular, Euclides obedecia à crença na inferioridade dos não-brancos -- mas com uma nuance: enaltecia o sertanejo que detinha vantagens sobre o mulato litorâneo por força de seu isolamento que propiciara evolução racial e cultural mais estável -- “o sertanejo é antes de tudo um forte, não tem o raquitismo

exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral". Observa Euclides que "ao invés da inversão extravagante, que se observa nas cidades do litoral, onde funções altamente complexas se impõem a órgãos mal constituídos, comprimindo-os e atrofiando-os antes do pleno desenvolvimento - nos sertões, a integridade orgânica do mestiço desponta inteiriça e robusta, imune de estranhas mesclas, capaz de evoluir, diferenciando-se, acomodando-se a novos e mais altos destinos, porque é a solida base física do desenvolvimento moral ulterior."

O sertanejo, no desenho literário-antropológico que construiu, era o resultado da convergência e interação, formando uma 'sub-raça superior' (sic), entre a bravura indígena e a ousadia dos bandeirantes paulistas, com seu "*destino histórico de assaltar o deserto (...) cruzados destemerosos a desencadear a atividade arroteadora e valorizadora dos espaços interiores do território, integrando-os (...)*" Na verdade, Euclides edificou a imagem do homem do sertão como um ser autêntico, enraizado na terra, dotado de cultura e evolução próprias e autônomas, capaz inclusive de criar o brasileiro do futuro – como "rocha viva da nacionalidade".

A rigor, as concepções e considerações étnicas de Euclides acoplam-se, interagem e se intertextualizam com seus conceitos de civilização e o "movimento civilizador" que preconizava – ou processo civilizatório para o qual a República teria sido um decisivo passo. Desde seus primeiros textos, com efeito, o termo e o conceito de "civilização" aparecem uma força histórica e como uma lei natural, até porque inerentes ao ideário positivista e evolucionista, a civilização como o modelo de desenvolvimento para a humanidade. : "*a civilização é o corolário mais próximo da atividade humana sobre o mundo; (...) o seu curso, como está, é fatal, inexorável*". Via-a como instrumento de luta intelectual pela construção de uma identidade nacional, que se queria livre de fórmulas invasoras: "*Estamos condenados à civilização. Ou progredimos ou desaparecemos.*"

### ***nos muitos Euclides, um só***

O certo é que permeando e perpassando todas as fases e estágios de sua vida e todas as linhas e entrelinhas de seus escritos, depoimentos e palavras, mais do que matemático, engenheiro, geólogo, geógrafo, historiador, jornalista, articulista, ensaísta, em especial, um pioneiro no que tange a questões ligadas à ecológica, e à etnopolítica no Brasil, prevalece o Euclides pensador, um intelectual empenhado, permanentemente, na reflexão e formulação de propostas para fazer do Brasil uma nação moderna e afinada com a civilização.

## **Bibliografia seleta**

### **livros**

- ANDRADE, Olímpio de Souza. *Canudos e inéditos*. São Paulo: Melhoramentos, 1967
- CHACON, Vamireh. *História das idéias socialistas no Brasil*. Fortaleza/Rio de Janeiro: UFC/Civilização Brasileira, 1981.
- CUNHA, Euclides da . *À margem da história* (1909). São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Canudos: diário de uma expedição*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1939.
- \_\_\_\_\_. *Contrastes e confrontos* (1907). São Paulo/Brasília: Cultrix/INL, 1975.
- \_\_\_\_\_. *Manuscrito inédito de Os sertões*. acervo de Obras Raras da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro
- \_\_\_\_\_. *Obra completa*- 2 vols . Rio de Janeiro: Aguilar, 1966
- \_\_\_\_\_. *Os sertões: campanha de Canudos* (1902). Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Um paraíso perdido: ensaios, estudos e pronunciamentos sobre a Amazônia*. Manaus : Governo do Estado do Amazonas, 1966.
- CUNHA, Euclides. *O acervo de Euclides da Cunha na Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1995
- MORAES, Evaristo de. *Da Monarquia para a República* :Rio de Janeiro, s.ed., 1936.
- MORAES FILHO, Evaristo de. *O socialismo brasileiro*. Brasília: Universidade de Brasília\ Câmara dos Deputados, 1980
- REZENDE, Maria José. "Mudança social e conciliação em Euclides da Cunha". Maringá : *Acta Scientiarum*, v. 24, n. 1, 2002
- VENTURA, Roberto "Euclides da Cunha e *Os sertões*" in *Os sertões*, de Euclides da Cunha. São Paulo: Publifolha, 2000.
- \_\_\_\_\_ "Euclides da Cunha e a República" (texto apresentado pelo autor no seminário da Área de História Cultural, IEA-USP). São Paulo: *Estudos Avançados*, v.10, n. 26, 1994.

### **periódicos**

- Almanaque Brasileiro Garnier*, Rio de Janeiro , coleção do ano de 1908 ; acervo de periódicos do Centro de Memória e Informação, da Fundação Casa de Rui Barbosa.
- A Província de São Paulo*, São Paulo. coleções dos anos 1888-89. acervo de Periódicos Raros da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro
- Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro. coleção do ano de 1907. acervo de Publicações Seriadas da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.
- Kosmos*, Rio de Janeiro , coleção do ano de 1906; acervo de periódicos do Centro de Memória e Informação, da Fundação Casa de Rui Barbosa.
- O Estado de S. Paulo*, São Paulo. coleções dos anos 1892, 1897, 1898, 1900, 1903, 1904. acervo de Publicações Seriadas da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro
- O Paiz*, Rio de Janeiro. coleção do ano de 1904. acervo de Publicações Seriadas da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.
- Revista Brasileira*, Rio de Janeiro. coleção do ano de 1899. acervo de Publicações Seriadas da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.